

Tópicos de Teoria Antropológica [Antropologia Política]

Terças-feiras, 19h30-22h45 [Noturno]; Quartas-feiras, 14h-18h [Vespertino]

Prof. Dr. Renato Sztutman

* Neste 1º semestre de 2021, o curso será realizado de maneira remota, por meio da plataforma Google Classroom.

Este curso tem por objetivo apresentar algumas correntes da antropologia política, dando especial ênfase ao conceito de “sociedade contra o Estado”, como desenvolvido por Pierre Clastres ao longo dos anos 1960 e 1970. Note-se que com esse conceito Clastres não está apenas buscando descrever formas políticas extra-modernas, é mesmo uma descolonização – ou “contra-colonização”, no dizer de Antônio Bispo dos Santos– da antropologia que ele propõe; afinal pensar a política é também pensar politicamente.

Na primeira unidade do curso, dedicada à antropologia social britânica, serão discutidos dois trabalhos: a coletânea *Sistemas políticos africanos* (1940), organizada por Meyer Fortes e E.E. Evans-Pritchard, e o livro *Sistemas políticos na alta Birmânia* (1953), de Edmund Leach. A primeira consiste numa obra pioneira e mesmo fundadora do que seria chamado de antropologia política, e está baseada na comparação de diferentes sistemas políticos de povos da África sub-saariana. Uma de suas importantes contribuições é a investigação sobre os “sistemas segmentares”, que os autores contrastam com os “sistemas estatais”, isto é, com poder político centralizado. O livro de Leach, por sua vez, parte de um questionamento acerca das tipologias sugeridas pelos africanistas, atentando para o fenômeno da oscilação entre formas políticas autoritárias e democráticas, como verificada entre os povos da alta Birmânia.

Ainda nesta primeira unidade, será abordada a crítica feminista que Marilyn Strathern, em *O gênero da dádiva* (1988), dirige a estudos sobre “sociedade” e “gênero” na Melanésia (Oceania), afastando-se dos modelos propostos pela antropologia social britânica. Mais especificamente, será lançado o foco na crítica à dicotomia político e doméstico (como correlativa à dicotomia masculino e feminino), bem como à ideia de poder ou de dominação masculina. Strathern propõe uma espécie de “descolonização” dos conceitos antropológicos, que não deve ser dissociada de uma crítica à relação entre a antropologia social e o colonialismo.

A segunda unidade será dedicada à obra de Pierre Clastres, autor de *A sociedade contra o Estado* (1974) e *Arqueologia da violência* (1980). Seu ponto de partida é a crítica que o autor faz da antropologia política anterior a ele, alegando a urgência de uma

“revolução copernicana”, capaz de separar o conceito de poder político do conceito de coerção, tomando esta última como acidente, passível de ser prefigurada, evitada e recusada. Serão examinadas a proposição de uma “filosofia da chefia indígena” (introduzida em um texto de 1962) e a ideia de “sociedades-para-a-guerra” (desenvolvida em um ensaio de 1977), sempre tendo em vista a etnografia dos povos ameríndios. As duas últimas sessões desta unidade trarão à baila o diálogo de Pierre Clastres com outros dois autores: Hélène Clastres que, em *A terra sem mal* (1975), se debruça sobre o problema do profetismo tupi-guarani (religião libertária); e Marshall Sahlins, que contesta modelos evolucionistas para encontrar em povos caçadores-coletores verdadeiras “sociedades da afluência” (“sociedades contra a economia”).

A terceira unidade concentra-se em extensões e reelaborações do conceito de “sociedade contra o Estado” na reflexão sobre “sociedades com Estado” (ainda que não coincidentes com o Estado-nação moderno) e sobre o que poderia ser uma antropologia e uma historiografia de viés anarquista. O foco será dado em três autores norte-americanos: Marshall Sahlins, David Graeber e James Scott. Sahlins tentou deslocar as intuições de Clastres para o problema das “realezas sagradas”, como encontradas em lugares como a Polinésia e a África. Ao lado de Graeber, Sahlins desenvolveu uma reflexão sobre essas realezas, que é indissociável de um questionamento sobre os modos de dissolvê-las ou neutralizá-las, isto é, sobre mecanismos de reversão do poder. Esse trabalho baseado em etnografias de diferentes partes do mundo conecta-se diretamente com uma indagação mais ampla sobre a filosofia política ocidental e sobre o que poderia ser uma antropologia anarquista. Scott, por sua vez, recupera o solo etnográfico de Leach – o sudeste asiático e seu cenário de oscilações entre formas políticas contrastantes – para propor um outro modo de contar a história de povos ditos “bárbaros”, aqueles que vivem nas franjas de Impérios, resistindo vivamente a eles e sobrevivendo aos seus ocasos.

A quarta e última unidade retorna ao campo ameríndio para examinar outros aspectos das “sociedades contra o Estado”. Em primeiro lugar, com Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima, busca-se a compreensão do que poderiam ser “cosmologias contra o Estado” ou mesmo um “anarquismo ontológico”, uma recusa da forma-Estado – do “Um” – no pensamento. Em seguida, serão examinados exemplos de lutas indígenas que visam restaurar de alguma maneira a autonomia perdida para as relações com os Estados nacionais, por exemplo, por meio de zonas autônomas e retomadas de territórios. Como assegurar a liberdade de que falava Pierre Clastres num mundo cerceado por esses Estados e princípios que lhe são caros, como o direito à propriedade? Nesse ponto, as reflexões

sobre os povos indígenas não de se encontrar com reflexões propriamente indígenas, algo aliás que atravessa toda a proposta do curso.

Cronograma (sujeito a edições e alterações)

1ª sessão – 13, 14.04

Apresentação do curso

Unidade I – Sistemas segmentares, oscilações, domínios

2ª sessão – 20.04 (excepcionalmente, Vespertino + Noturno; 21.04 = Tiradentes)

O político e o nascimento da antropologia

_ Balandier, Georges. *Anthropologie politique*. Paris: PUF, 1951. [Caps. 1 e 2] [tradução em português e em espanhol]

_ Asad, Talal. “Introdução a *Anthropology and the colonial encounter*”. *Ilha* v. 19, n. 2, 2017.

_ Bispo dos Santos, Antonio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÓ [Introdução, cap. 1].

_ Gil, Yásnaya Elena A. “¿Nunca más un México sin nosotros?” Ms.

3ª sessão – 27, 28.04

Sistemas políticos africanos

_ Fortes, Meyer & Evans-Pritchard, E. E (orgs.). *Sistemas políticos africanos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1940] 1981. [Introdução + Evans-Pritchard: “Os Nuer do sul do Sudão”]

Bibliografia complementar:

_ Fortes, Meyer & Evans-Pritchard, E. E (orgs.). *Sistemas políticos africanos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1940] 1981. [Fortes: “O sistema político dos Tallensi nos territórios da Costa do Ouro” + Gluckman: “O reino dos Zulus na África do Sul”.]

_ Goldman, Marcio. “Segmentaridades e movimentos negros nas eleições em Ilheus”. *Mana* v. 7, n. 2, 2001.

4ª sessão – 04, 05.05

Sistemas políticos na alta Birmânia

_ Leach, Edmund. *Sistemas políticos na alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, [1953] 1996. [I.]

Introdução + Parte 3 “Variabilidade estrutural”

Bibliografia complementar:

_ Gluckman, Max. “Rituals of rebellion in East Africa”. In: *Order and Rebellion in Tribal Africa*. London: West & Cohen, 1963. [tradução em português]

5ª sessão – 11, 12.05

Strathern e a crítica feminista da antropologia social britânica

_ Strathern, Marilyn. *O Gênero da Dádiva: problemas com mulheres e problemas com sociedade na Melanésia*. Campinas, Ed. da Unicamp, [1988] 2006. [Caps. 4 e 5]

Bibliografia complementar:

_ Strathern, Marilyn. “One man and many men”. In: Godelier, M. & Strathern, M. (eds.) *Big man and great man: personifications of power in Melanesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Unidade II – Sociedades contra o Estado

6ª sessão – 18, 19.05

Pierre Clastres: revolução copernicana e filosofia da chefia indígena

_ Clastres, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, [1974] 2003. [Caps. 1, 2 e 7]

_ Kopenawa, Davi e Albert, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, [2010] 2015. [Cap 17 – “Falar aos brancos”]

7ª sessão – 25, 26.05

Pierre Clastres: sociedades-para-a-guerra

_ Clastres, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, [1980] 2011. [Caps. 11 e 12]

_ Kopenawa, Davi e Albert, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, [2010] 2015. [Cap. 21 – “De uma guerra à outra”]

8ª sessão – 01, 02.06

O profetismo tupi-guarani

_ Clastres, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, [1974] 2003. [Cap. 9 – “Do Um sem o Múltiplo”]

_ Clastres, Hélène. *A terra sem mal: profetismo tupi*. São Paulo: Ed. Brasiliense, [1975] 1978.

Bibliografia complementar:

_ Sztutman, Renato. *O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2012. [Cap 1 – “Meditações clastreanas”]

_ Pimentel, Spensy. “Novas terras sem males: a luta guarani-kaiowa pelos tekoha”. In: Gallois, D. & Macedo, V. (orgs.). *Nas redes Guarani: saberes, traduções, transformações*. São Paulo: Hedra, 2018.

9ª sessão – 08, 09.06

Sociedades contra a economia

_ Sahlins, Marshall. “The original affluent society”. In: *Stone Age Economics*. London: Routledge, [1972] 2004. [tradução em português]

_ Clastres, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, [1980] 2011. [Cap. 8 – “A economia primitiva”]

_ Perrone-Moisés, Beatriz. *Festa e guerra*. Tese de livre-docência. São Paulo: FFLCH, 2015.

[caps. a definir]

Bibliografia complementar:

_ Sahlins, Marshall. “Homens pobres, homens ricos, grandes homens, chefes”. In: *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2004.

Unidade III – Como desarmar o poder ou por uma antropologia de viés anarquista

10ª sessão – 15, 16.06

A soberania e seu reverso

_ Sahlins, Marshall. “O rei estrangeiro ou Dumézil em Fuji”. In: *Ilhas de história*. São Paulo: Zahar, [1985] 1990. <http://libgen.gs/ads.php?md5=184794b97d42d3f12c89bd455d0937bf>

_ Sahlins, Marshall & Graeber, David. “Introduction”. In: Sahlins, M. & Graeber, D. *On Kings*. Chicago: HAU Books, 2013.

_ Sahlins, Marshall. “The original political society”. In: Sahlins, M. & Graeber, D. *On Kings*. Chicago: HAU Books, 2013.

Bibliografia complementar:

_ Graeber, David. "Notes on the politics of divine kingship: Or, elements for an archaeology of sovereignty". In: Sahlins, M. & Graeber, D. *On Kings*. Chicago: HAU Books, 2013.

11ª sessão – 22, 23.06

Por outras filosofias políticas: a crítica da ideia de natureza humana

_ Sahlins, Marshall. *The Western Illusion of Human Nature*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2008. [tradução em espanhol].

_ Krenak, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

12ª sessão – 29, 30.06

Por uma antropologia anarquista

_ Graeber, David. *Fragmentos de uma antropologia anarquista*. Porto Alegre: Deriva, [2008] 2011.

Bibliografia complementar:

_ Graeber, David. *O anarquismo no século XXI e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Rizoma, 2013.

13ª sessão – 06, 07.07

Por uma historiografia anarquista

_ Scott, James. *The art of not being governed: An Anarchist History of Upland Southeast Asia*. New Haven: Yale University Press, 2009. [Caps. 1, 2 e 9]

Bibliografia complementar:

_ Graeber, David & Wengrow, David. "How to change the course of human history (at least, the part that's already happened)". <https://www.eurozine.com/change-course-human-history/>

_ Scott, James. *Los dominados y el arte de resistencia*. Madrid: Ediciones ERA, 2007. [Caps. 1 e 6]

Unidade IV – Contra-Estados indígenas

14ª sessão – 13, 14.07

Cosmologias contra o Estado, ou por um anarquismo ontológico

_ Viveiros de Castro, Eduardo. "Posfácio: o intempestivo, ainda". In: *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, [1980] 2004.

_ Lima, Tânia S. “Por uma cartografia do poder e da diferença nas cosmopolíticas ameríndias”. *Revista de Antropologia* v. 54, n. 2, 2011.

Bibliografia complementar:

_ Quitero Weir, José Angel. “Da virada ontológica à volta do tempo do Nós”
<https://amazonialatitude.com/2021/04/06/da-virada-ontologica-ao-tempo-de-volta-do-nos/>.

_ Rivera Cusicanqui, Silvia. “Indigenous Anarchist Critique of Bolivia’s ‘Indigenous State’: Interview with Silvia Rivera Cusicanqui”.
<https://upsidedownworld.org/archives/bolivia/indigenous-anarchist-critique-of-bolivias-indigenous-state-interview-with-silvia-rivera-cusicanqui/>

_ Sztutman, Renato. “Perspectivismo contra o Estado: uma política do conceito em busca de um conceito de política”. *Revista de Antropologia* v. 63, n. 1.

_ Navarrete, Federico. “Entre a cosmopolítica e a cosmo-história: tempos fabricados e deuses xamãs entre os astecas”. *Revista de Antropologia* v. 59, n. 2.

15ª sessão – 20, 21.07

Autonomias indígenas, retomadas

_ Morel, Ana Paula. “A luta pela terra na cosmopolítica do movimento zapatista”. *Revista de Estudos Libertários*, UFRJ v. 1, 2019.

_ “Primera declaración de la Selva Lacandona” e outros textos zapatistas.
<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/category/1994/>

_ Benites, Eliel & Saraguza, Lauriene. “Levantar gente, levantar terra: lutas pela terra e resistência como modos de vida entre os Guarani e Kaiowa do Mato Grosso do Sul”. In: Anais do III Congresso Nacional do CIPIAL, 2020.

_ Benites, Tónico. “Recuperação dos territórios tradicionais guarani-kaiowá. Crônica das táticas e estratégias”. *Journal de la Société des Américanistes* v. 100, n. 2, 2014.

Bibliografia complementar:

_ Keese dos Santos, Lucas. *A esquiva do xondaro*. São Paulo: Ed. Elefante, 2021. [Cap. 4]

_ Pimentel, Spensy. *Elementos para uma teoria política kaiowá*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP. [Cap. 3 + Conclusões]

Avaliação final: ensaio, com de 5 a 7 páginas [Times New Roman 12, espaço 1,5]

Entrega até 28.07, 23h59 [pela plataforma Google Classroom]